

## OS NOVOS ESPAÇOS DA PRODUÇÃO DE COCO NO CEARÁ: UM OLHAR PARA OS PERÍMETROS IRRIGADOS<sup>1</sup>

Leandro Vieira Cavalcante<sup>2</sup>

### Resumo

Com este trabalho pretendemos apresentar como se configuram os mais novos espaços recentemente destinados ao cultivo de coco no Estado do Ceará, os quais começaram a se formar especialmente a partir de uma importante reestruturação produtiva pela qual passa o setor do coco em todo o país. Esse processo vem sendo responsável por dinamizar e reorganizar as dinâmicas socioespaciais e produtivas de inúmeros locais elencados para a expansão do cultivo desse fruto, com destaque sobretudo para os perímetros irrigados públicos federais.

**Palavras-chave:** Reestruturação produtiva; produção de coco; perímetros irrigados.

## LES NOUVEAUX ESPACES DE PRODUCTION DE NOIX DE COCO AU CEARA: EN SCENE LES PERIMETRES IRRIGUES

### Résumé

Avec ce travail, on a l'intention de présenter la configuration des nouveaux espaces récemment destinés à la culture de la noix de coco dans l'Etat du Ceará, qui ont été formés surtout à partir d'un important processus de restructuration productive par laquelle passe le secteur de la noix de coco à travers le pays. Ce processus est responsable pour dynamiser et réorganiser les dynamiques socio-spatiales et productives des nombreux espaces choisis pour l'expansion de la culture de la noix de coco, notamment les périmètres irrigués publics fédéraux.

**Mots-clés:** Restructuration productive; production de noix de coco; périmètres irrigués.

### Introdução

O objetivo principal deste trabalho é apresentar como se configuram os espaços recentemente destinados ao cultivo de coco no Estado do Ceará, que começaram a se formar, sobretudo a partir de uma importante reestruturação produtiva pela qual passa o setor do coco em todo o país, que vem sendo

---

<sup>1</sup> Versão modificada de um artigo publicado originalmente nos anais do XXII Encontro Nacional de Geografia Agrária, realizado em 2014 na UFRN/Natal.

<sup>2</sup> Geógrafo, mestre em Geografia pela Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne e mestrando em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará. E-mail: leandro.cavalcante@hotmail.com

responsável por dar origem a inúmeras novas áreas de expansão do cultivo desse fruto, a exemplo do que é observado nos perímetros irrigados públicos federais<sup>3</sup>, localizados majoritariamente no Nordeste brasileiro, os quais se transformaram no locus desse processo de reestruturação produtiva.

Tal processo, em curso há aproximadamente duas décadas, vem originando uma nova geografia da produção de coco no Brasil, trazendo rebatimentos diretos na maneira como o espaço é utilizado e no modo como as relações sociais são organizadas. No Ceará, por exemplo, é possível vislumbrar com mais intensidade a materialização dessa reestruturação produtiva do setor do coco nos perímetros irrigados aí localizados, que aos poucos passam a se especializar no cultivo do fruto e que, por esse motivo, assistem a uma reorganização quase que completa de suas dinâmicas sócioespaciais e produtivas.

Com efeito, somente a partir de uma análise mais aprofundada é que poderemos perceber quais são as novas relações advindas com a difusão e territorialização do cultivo de coco nesses perímetros irrigados, que alterou significativamente a “forma” e o “conteúdo” desses espaços (SANTOS, 2009), dotando-os de características até então não observadas. Assim, faz-se importante atentar para os principais fatores que levaram esses perímetros irrigados a se especializarem na produção do fruto e, sobretudo, analisar os rebatimentos advindos com esse processo.

Para atingir esses objetivos, nossa metodologia se dividiu em quatro atividades principais, a saber: i) revisão bibliográfica acerca de temas, processos, conceitos e categorias elencadas para a pesquisa; ii) organização de uma hemeroteca contendo informações jornalísticas acerca do setor do coco e da sua produção nos perímetros irrigados; iii) levantamento e análise de indicadores quantitativos, obtidos especialmente junto ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), através de consulta à base de dados da Produção Agrícola Municipal (PAM), e ao Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (Dnocs), a partir de dados fornecidos pelo Serviço de Monitoramento da Produção dos Perímetros Irrigados (SMPPPI); iv) realização de trabalhos de campo nos principais perímetros irrigados cearenses especializados na produção de coco, onde pudemos

---

<sup>3</sup> Espaços especialmente projetados e construídos pelo Governo Federal, destinados a abrigar projetos de irrigação e a alojar pequenos produtores e/ou empresas agrícolas.

entrevistar diversos agentes diretamente responsáveis por seu cultivo, além de visitar alguns lotes agrícolas.

Destaca-se que neste artigo estamos apresentando apenas alguns resultados de uma investigação maior acerca das principais dinâmicas socioespaciais advindas com a reestruturação produtiva do setor do coco no Brasil, realizada em virtude da consecução de nossa pesquisa de mestrado, finalizado na Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne e em curso na Universidade Estadual do Ceará<sup>4</sup>. Assim, na sequência indicamos algumas características da nova geografia da produção brasileira de coco, seguidas da apresentação do contexto cearense e da análise da evolução do cultivo desse fruto nos perímetros irrigados.

### **A nova geografia da produção brasileira de coco**

A produção brasileira de coco vem crescendo consideravelmente desde meados da década de 1990<sup>5</sup>. Analisando os dados divulgados pelo IBGE, nota-se que de 1990 a 2010 essa produção obteve um aumento considerável, por volta de 158%. Já a área plantada com coqueiros acompanhou o aumento da produção do fruto, porém mais modestamente, tendo um crescimento de aproximadamente 28%, o que demonstra que há uma expansão do cultivo de coqueiros em território brasileiro. Associada ao aumento da área plantada e da quantidade produzida, a produtividade também obteve um crescimento importante, indicando uma modernização do processo produtivo do fruto, relacionado à difusão do uso de modernos insumos e implementos pelos coqueirais do país, a exemplo especialmente de equipamentos e novas tecnologias de irrigação.

**Tabela 01 – Brasil. Área plantada com coqueiros (em hectares), quantidade produzida de coco (em mil frutos) e produtividade (mil frutos/ha). 1990 – 2010.**

	1990	2000	2010
Área plantada	215.652	266.577	276.934
Quant. produzida	734.418	1.301.411	1.895.635
Produtividade	3,41	4,88	6,85

Fonte: IBGE/PAM. Elaboração: Cavalcante, 2013.

<sup>4</sup> Sob orientação da professora Denise Elias e com bolsa do CNPq.

<sup>5</sup> O Brasil é atualmente, conforme apontam os dados da FAO, o quarto maior produtor de coco do mundo, enquanto em 1990 o país ocupava apenas a décima colocação no ranking mundial.

**Tabela 02 – Brasil. Área plantada com coqueiros (em hectares), quantidade produzida de coco (em mil frutos) e produtividade (mil frutos/ha). Variações absoluta e relativa (em %). 1990 – 2010.**

	Variação Absoluta			Variação Relativa		
	1990 - 2000	2000 - 2010	1990 - 2010	1990 - 2000	2000 - 2010	1990 - 2010
Área plantada	50.925	10.357	61.282	23,61	3,89	28,42
Quant. Produzida	566.993	594.224	1.161.217	77,20	43,57	158,11
Produtividade	1,48	1,96	3,44	43,35	40,21	101,00

Fonte: IBGE/PAM. Elaboração: Cavalcante, 2013.

Observa-se que em apenas 20 anos a produção brasileira de coco mudou completamente, uma vez que o cultivo desse fruto deixa de ser realizado quase que exclusivamente por comunidades litorâneas e em pequenas quantidades sob os moldes do extrativismo, passando a ser cultivado em larga escala e a receber importantes aportes de capital, ciência e tecnologia, levando ao desenvolvimento de uma nova maneira de se produzir coco<sup>6</sup>. Assim, atualmente nota-se a configuração de uma nova geografia da produção brasileira de coco, com ênfase no surgimento de novos espaços de cultivo do fruto e em uma reestruturação de todo o seu “circuito espacial de produção” (SANTOS, 1994), agora inteiramente reorganizado e dotado de novos conteúdos.

É sobretudo a partir da década de 1990 que a produção de coco no Brasil começa a despertar a atenção do grande capital, sendo cultivado agora também sob os moldes do agronegócio. Conforme demonstram estudos por nós já realizados (CAVALCANTE, 2012, 2013, 2014), esse período coincide com a ocorrência dos seguintes processos, entre outros: crescimento acelerado da produção, da produtividade e da expansão da área plantada, basicamente com coqueiros anão e híbrido; difusão das primeiras inovações técnico-científicas e agrônômicas, modernizando o processo produtivo do fruto; expressivo aumento no consumo principalmente de água de coco, que começa também a ser exportada; expansão e consolidação de grandes empresas agrícolas e agroindustriais especializadas na produção e no processamento de coco.

<sup>6</sup> Cabe destacar que essa atual fase da produção de coco no Brasil está diretamente relacionada à reestruturação produtiva pela qual a agricultura nacional vem passando, analisada sobretudo por Elias (2003, 2006, 2007), estando associada ainda aos processos de globalização da economia, da difusão de preceitos de uma agricultura científica e de mercado e da territorialização do modo de produção capitalista no campo.

Com essa reestruturação produtiva, erguem-se as bases para se desenhar ainda um novo arranjo espacial relacionado ao cultivo do fruto no Brasil. Desse modo, essa nova geografia da produção de coco no país pode ser caracterizada também especialmente pela dispersão espacial produtiva em direção às regiões não tradicionais do cultivo do fruto e por uma conseqüente consolidação de espaços especializados na sua produção. Se anteriormente o coco (e o coqueiro) era um sinônimo exclusivo de litoral, sobretudo o nordestino, atualmente observamos a emergência de novos espaços em todo o território nacional que estão se especializando no cultivo do fruto<sup>7</sup>.

Diversos pesquisadores, como Broggio et al. (1999), Siqueira et al. (2002) e Fontes e Wanderley (2006), atestaram para essa configuração de um novo arranjo espacial produtivo de coco no país, ressaltando de maneira especial a dispersão desse cultivo em direção aos perímetros irrigados nordestinos, centrada quase que exclusivamente no cultivo de coqueiros anões, os mais indicados para a produção de coco verde, visando abastecer o aquecido mercado de água de coco, seja *in natura* seja processada.

A produção de coco, tradicional do litoral nordestino, começa a ser desenvolvida nos perímetros irrigados, com o intuito de comercializar os frutos ainda verdes (BROGGIO et al, p. 227, 1999).

A partir de meados dos anos 2000 tem-se notado um aumento da exploração do coco voltado para atender o mercado de água. Essa tendência tem deslocado a produção do fruto para áreas não tradicionais, a exemplo dos perímetros irrigados do Nordeste (SIQUEIRA et al, p. 06, 2002).

No que se refere ao mercado de água de coco, a crescente demanda registrada nos últimos anos gerou uma grande mudança de cenário da cultura do coqueiro no Brasil, com a implantação de grandes projetos em perímetros irrigados utilizando a variedade de coqueiro anão verde (FONTES; WANDERLEY, p. 12, 2006).

Assim, dentre os novos espaços destinados ao cultivo de coco no Brasil, o exemplo mais evidente são os perímetros irrigados públicos federais instalados no Nordeste<sup>8</sup>. E isso só foi possível pelo importante papel desempenhado pela

---

<sup>7</sup>É importante ressaltar que não foi a produção do litoral que migrou para outras regiões, e sim o desenvolvimento dessa produção em novos espaços.

<sup>8</sup>Um dos principais espaços de produção de frutas do Brasil, conforme asseguram Cavalcanti et al (2006), sobretudo manga, melão, banana e mamão.

modernização do processo produtivo do fruto, a partir da incorporação de novos aportes tecnológicos e científicos, assim como pela considerável expansão do mercado de coco, despertando o interesse de novos produtores e de inúmeras empresas agrícolas e agroindustriais. Isso corrobora a afirmação de Elias (2006, p. 25), ao considerar que atualmente assistimos cada vez mais a incorporação de novos espaços agrícolas à produção agropecuária globalizada, “[...] como resultado da dispersão espacial da agricultura científica e do agronegócio pelo território brasileiro, difundindo-se especializações produtivas”.

Em alguns perímetros irrigados encontrados nessa região já observamos uma forte especialização no cultivo de coco, conforme indicam os dados fornecidos pelo Dnocs, como também pela Codevasf<sup>9</sup>. Dentre esses perímetros destacamos aqueles inseridos nos vales do rio São Francisco, entre a Bahia e Pernambuco (sobretudo na região de Juazeiro/Petrolina) e em Sergipe (região de Neópolis), do rio Piranhas, na Paraíba (região de Souza), e dos rios Curu e Acaraú, no Ceará. É basicamente nesses locais onde vêm se materializando com mais intensidade inúmeros processos advindos com a reestruturação produtiva do setor.

### **A produção e os espaços do coco no Ceará**

Por todo o Ceará notamos a existência de distintos espaços de produção de coco – os “espaços da produção propriamente dita”, como se refere Santos (1985). É neles onde são realizadas uma parte importante das atividades associadas ao seu circuito espacial produtivo, as quais não se restringem apenas à produção agrícola do fruto em si, incluindo também várias outras etapas – a comercialização, as relações de trabalho, a incorporação das novas tecnologias, a reorganização fundiária –, que garantem sobremaneira o desenrolar de uma série de dinâmicas socioespaciais em tais espaços.

Ainda conforme assegura Santos (1985, p. 61), é nesses espaços da produção propriamente dita onde podemos perceber como um determinado território é intencionalmente organizado por uma fração da sociedade para o exercício de uma forma particular de produção, dinamizando-o por completo. Inúmeros são os exemplos desses espaços de cultivo de coco no Ceará, que se localizam sobretudo

---

<sup>9</sup> Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba, responsável por instalar e gerir os perímetros irrigados localizados nos vales desses rios.

nas áreas próximas ao litoral, no interior dos municípios litorâneos e também nos perímetros irrigados, distribuídos especialmente entre fazendas, sítios, assentamentos e lotes agrícolas, regidos por lógicas específicas, as quais não nos deteremos em analisar aqui.

Essa produção cearense de coco sempre foi uma das mais significativas do Brasil, conforme nos mostram Cuenca e Nazário (2003). Além disso, a presença de coqueirais é obrigatória nas paisagens que compõem o litoral do Ceará, e as comunidades que aí habitam têm uma relação bastante intrínseca com essas árvores, as quais lhes servem como fonte de alimento e lhes fornecem matéria-prima para a construção de casas e para a confecção de artesanato e jangadas. Muitas das comunidades aí encontradas ainda vivem em meio a coqueirais, praias e dunas, compondo um quadro socioespacial bastante característico do litoral cearense.

Tais comunidades, formadas em sua maioria por pescadores e agricultores, realizam um cultivo semiextensivo dos coqueirais existentes, com uma rarefeita aplicação de adubos e realização dos chamados tratos culturais, como a limpeza do coqueiral e da copa das árvores, majoritariamente da variedade gigante. Como são mais resistentes à escassez hídrica e aos ataques de pragas, esses coqueiros não são irrigados e nem submetidos a aplicação de agrotóxicos. Apesar disso, é da produção de coco que se obtém a maior parte do rendimento responsável pela sobrevivência dessas comunidades no litoral cearense, as quais a cada três ou quatro meses realizam a colheita do coco seco e o vendem para os atravessadores.

**Figura 01 – Cultivo de coqueiro gigante no litoral de Trairi/CE**



Fonte: Leandro Cavalcante, 2014.

Entretanto, vêm sendo profundamente alteradas essa característica da produção de coco no Ceará realizada exclusivamente de maneira semiextensiva e de coqueirais funcionando basicamente como um identificador da paisagem comumente associada ao litoral. Ao ser inserida no contexto de reestruturação produtiva do setor, a produção cearense de coco passa a ser modificada, de modo que se observa a entrada de uma racionalidade capitalista no cultivo dos frutos, a disseminação de coqueiros anão e híbrido e a ocupação de novos espaços com coqueirais distantes da histórica região de produção de coco – o litoral. Além disso, o foco da produção também muda, passando do coco seco para o coco verde, visando o consumo da água.

Assim como observado no contexto brasileiro, analisando os dados divulgados pela PAM/IBGE, percebe-se que de 1990 a 2010 a produção cearense de coco praticamente dobrou, chegando a um aumento de 99%, enquanto a área plantada cresceu quase 25% e a produtividade 60%, como vemos abaixo nas tabelas 3 e 4. Esses indicadores demonstram que a produção de coco no Ceará teve um importante impulso nessas últimas duas décadas, apontando ainda para uma produtividade em ascensão. Salienta-se que em 2010 o Ceará já concentrava 14% da produção nacional e 16% da área plantada no país, configurando-se como o segundo principal produtor de coco, atrás apenas da Bahia. E dentre todas as regiões cearenses que cultivam esse fruto, o destaque vai sobretudo para o Litoral Oeste, conforme analisamos em Cavalcante (2012).

**Tabela 03 – Ceará. Área plantada com coqueiros (em hectares), quantidade produzida de coco (em mil frutos) e produtividade (mil frutos/ha). 1990 – 2010.**

	1990	2000	2010
Área plantada	35.431	37.316	44.224
Quant. produzida	133.880	193.729	266.263
Produtividade	3,78	5,19	6,02

Fonte: IBGE/PAM. Elaboração: Cavalcante, 2013.

**Tabela 04 – Ceará. Área plantada com coqueiros (em hectares), quantidade produzida de coco (em mil frutos) e produtividade (mil frutos/ha). Variações absoluta e relativa (em %). 1990 – 2010.**

	Variação Absoluta			Variação Relativa		
	1990 - 2000	2000 - 2010	1990 - 2010	1990 - 2000	2000 - 2010	1990 - 2010
Área plantada	1.885	6.908	8.793	5,32	19,50	24,82
Quant. produzida	59.849	72.534	132.383	44,70	37,44	98,88
Produtividade	1,41	0,83	2,24	37,39	15,97	59,34

Fonte: IBGE/PAM. Elaboração: Cavalcante, 2013.



Esse crescimento da produção de coco no Ceará, associado à expansão da área plantada com coqueiros, vem sendo possível somente em virtude da ocupação de novos espaços com o cultivo desse fruto, em evidência os perímetros irrigados aí instalados<sup>10</sup>, responsáveis por desconcentrar a produção anteriormente realizada apenas no litoral. Desse modo, com a reestruturação do setor do coco no Ceará, averiguamos a emergência desses novos espaços de produção do fruto, onde seu cultivo vem sendo organizado a partir de lógicas completamente diferentes das observadas em outros espaços.

Nesses perímetros irrigados, a produção de coco já se inicia moderna e diretamente inserida no contexto da reestruturação produtiva. O objetivo principal passa a ser a produção de coco verde, advindo sobretudo da variedade de coqueiro anão, extremamente exigente em tecnologia e capital, devendo ser irrigado diariamente e receber doses mensais de adubos e fertilizantes. É nos perímetros irrigados, por exemplo, onde encontramos as maiores concentrações do cultivo de coqueiro anão de todo o Ceará, realizado nos inúmeros lotes agrícolas localizados nesses perímetros, que são assistidos por uma ampla rede de irrigação.

**Figura 02 – Cultivo de coqueiro anão em um perímetro irrigado localizado em Paraipaba/CE.**



Fonte: Leandro Cavalcante, 2014.

<sup>10</sup> Além dos perímetros irrigados destacamos também os novos espaços de produção de coco instalados no interior dos municípios litorâneos, produção essa realizada especialmente por grandes e médias fazendas e empresas agrícolas e agroindustriais, algumas inclusive de capital internacional e que estão investindo pesado no que vem sendo chamado de “agronegócio do coco”.

Assim, observada essa configuração da produção cearense, somos confrontados com duas realidades inteiramente distintas que compõem a geografia do coco no Ceará. De um lado, um cultivo de coqueiro gigante, realizado sobretudo no litoral e caracterizado pela produção de base essencialmente camponesa, com o foco no mercado de coco seco. De outro lado, um cultivo basicamente de coqueiro anão, empreendido com alta tecnologia e pesados investimentos, voltado para atender o mercado de coco verde. Nesse sentido, isso pode ser apontado como uma consequência direta da reestruturação produtiva do setor do coco em território cearense, que seria a diferenciação socioespacial associada ao cultivo do fruto, inexistente até bem pouco tempo.

### **O coco nos/dos perímetros irrigados**

Observa-se que muitos dos perímetros irrigados localizados no Ceará estão ficando especializados no cultivo de coqueiro anão e na produção de coco verde, de modo a alterar significativamente a configuração desses espaços, dando-lhes novas e importantes características diferentes das observadas antes da chegada do fruto. É especialmente nesses perímetros irrigados onde o capital vem encontrando meios mais favoráveis de se difundir e territorializar, e onde mais intensamente vêm sendo utilizadas as diversas inovações técnico-científicas e agrônômicas associadas ao moderno cultivo de coco.

De acordo com o coordenador de operações agrícolas do Dnocs<sup>11</sup>, por nós entrevistado, a introdução da produção de coco nos perímetros irrigados cearenses alterou a “vocação agrícola relacionada a cada um deles”, que inicialmente não foram planejados com o intuito de se produzir tal fruto. Além disso, o representante do Dnocs destaca que o motivo básico para a expansão e consolida o do cultivo de coco nos perímetros está diretamente vinculado   grande disponibilidade hídrica e   possibilidade de implanta o de sistemas de irriga o – fatores cruciais para o desenvolvimento do coqueiro anão – e atrelado também   grande expansão do consumo de água de coco, fato que impulsiona o início de novos cultivos.

Seguindo a tendência nacional, foi somente por volta dos anos 1990 que se iniciou a produ o de coco nesses perímetros, uma vez que até esse período

---

<sup>11</sup> Em entrevista realizada em fevereiro de 2014 na sede do Dnocs, em Fortaleza.

nenhum deles produzia o fruto em escala comercial. Atualmente, nove perímetros cearenses já produzem coco<sup>12</sup> e 12 já possuem coqueiros plantados<sup>13</sup>, somando no ano de 2012 mais de 51 milhões de frutos colhidos e por volta de 4.600 hectares cultivados com coqueiros, conforme apontam os dados fornecidos pelo Serviço de Monitoramento da Produção dos Perímetros Irrigados (SMPPI/Dnocs)<sup>14</sup>. A título de informação, existem 14 perímetros irrigados no Ceará, construídos e mantidos pelo Governo Federal via Dnocs<sup>15</sup>, onde é possível verificar a existência de um cultivo de coco em praticamente todos eles, anteriormente inexistente.

Ao analisarmos os dados de produção e de área plantada de todos os perímetros irrigados cearenses entre os anos de 2000 e 2012, é possível perceber a grande importância que vem obtendo o cultivo do coco nesses espaços, conforme indicado abaixo na tabela 5. Enquanto em 2000 o coco ocupava 23% de toda a área plantada nos perímetros irrigados, em 2012 esse índice caiu para 17%, demonstrando uma redução da participação do fruto na área total plantada, que aumentou. No entanto, mesmo assim o coco já ocupava em 2012 a segunda maior área plantada em todos os perímetros do Ceará, atrás somente do cultivo de milho, que preenchia 19% da área total plantada, tornando-se o fruto mais cultivado nesses espaços, altamente especializados na produção sobretudo de mamão, melão e banana, segundo destaca Elias (2005), e agora também coco.

**Tabela 05 – Perímetros irrigados do Ceará. Área total plantada e área total plantada com coco (em hectares), e participação do coco no total plantado (em %). 2010 – 2012.**

	2000	2012
Total	11.266	25.836
Coco	2.592	4.606
% Coco	23,01	17,83

Fonte: Dnocs/SMPPI. Elaboração: Cavalcante, 2014.

<sup>12</sup> São eles: Araras Norte, Baixo Acaraú, Curu-Paraipaba, Curu-Pentecoste, Forquilha, Icó-Lima Campos, Jaguaruana, Morada Nova e Várzea do Boi.

<sup>13</sup> Além dos perímetros cujos coqueiros já estão produzindo, também apresentam plantios os perímetros Ema, Jaguaribe-Apodi e Tabuleiro de Russas.

<sup>14</sup> Destaca-se que os dados divulgados pelo Dnocs e pelo IBGE não são os mesmos, em virtude de ambos os órgãos utilizarem metodologias diferentes para a coleta e a divulgação desses dados. Adverte-se, ainda, que o Dnocs não realizava esse levantamento em períodos anteriores a 2000.

<sup>15</sup> Acerca dos perímetros irrigados cearenses ver Diniz (2002).

Entre 2000 e 2012, a área plantada com coqueiros nos perímetros irrigados cearenses praticamente dobrou e apresentou um aumento de 77%, indicando que os irrigantes<sup>16</sup> estão investindo cada vez mais no cultivo do fruto e substituindo antigas plantações pela de coco, a exemplo especialmente da considerável redução dos cultivos de cana-de-açúcar, banana e mamão em diversos perímetros, abrindo margem para um importante processo de reconversão produtiva nesses espaços. Além da expansão da área plantada, a quantidade produzida com coco também apresentou um aumento nos perímetros, de 52%, com perspectivas de crescimento, uma vez que inúmeros coqueiros ainda não estão em idade produtiva, atingida normalmente de dois a três anos após realizado o plantio das mudas.

**Tabela 06 – Perímetros Irrigados do Ceará. Área plantada com coqueiros (em hectares), quantidade produzida de coco (em unidades). 2000 – 2012.**

	2000	2012
Área plantada	2.592,1	4.606,04
Quantidade produzida	33.782.320	51.538.950

Fonte: Dnocs/SMPPPI. Elaboração: Cavalcante, 2014.

**Tabela 07 – Perímetros Irrigados do Ceará. Área plantada com coqueiros (em hectares), quantidade produzida de coco (em unidades). Variações absoluta e relativa (em %). 2000 – 2012.**

	Varição absoluta	Varição relativa
Área plantada	2.013,94	77,70
Quantidade produzida	17.756.630	52,56

Fonte: Dnocs/SMPPPI. Elaboração: Cavalcante, 2014.

Dentre os nove perímetros que produzem coco no Ceará, o destaque vai especialmente para aqueles localizados nos vales dos rios Curu e Acaraú, conforme já indicamos anteriormente. Juntos, os perímetros Curu-Paraipaba (localizado em Paraipaba), Curu-Pentecoste (localizado entre Pentecoste e São Luís do Curu), Araras Norte (localizado entre Varjota e Reriutaba) e Baixo Acaraú (localizado entre Acaraú, Marco e Bela Cruz), identificados na imagem 1 que se segue, concentravam em 2012 aproximadamente 99,5% de todo o coco produzido por esses espaços no Estado, além de 95,8% da área cultivada com coqueiros.

Esses dados demonstram que a produção de coco realizada nos perímetros irrigados do Ceará se dá basicamente nesses quatro locais, indicando uma

<sup>16</sup> Irrigantes são aqueles que estão instalados em perímetros irrigados, que podem ser desde camponeses assentados, passando por agricultores familiares integrados ao mercado e chegando a empresários inseridos no contexto do agronegócio e a empresas agrícolas e agroindustriais.

importante “especialização territorial produtiva” (SANTOS; SILVEIRA, 2003), centrada no cultivo desse fruto<sup>17</sup>. A esse respeito, e de acordo com Santos (1996, p. 54), alguns lugares tendem a tornar-se especializados, e “[...] essa especialização se deve mais às condições técnicas e sociais que aos recursos naturais”, uma vez que “[...] quanto maior a inserção da ciência e tecnologia, mais um lugar se especializa, mais aumenta o número, intensidade e qualidade dos fluxos que chegam e saem de uma área” (SANTOS, 1994, p. 51).

**Figura 03 – Localização dos principais perímetros irrigados especializados na produção de coco no Ceará**



Fonte: Google Earth, 2012. Adaptação: Cavalcante, 2014.

Desses quatro perímetros, destaca-se o Curu-Paraipaba, principal polo de produção de coco verde de todo o Ceará e um dos mais importantes do país,

<sup>17</sup> As especializações territoriais produtivas, nos termos de Santos e Silveira (2003), indicam especialmente uma concentração geográfica das atividades que perpassam um determinado circuito espacial produtivo, não se resumindo apenas à produção agrícola em si.

concentrando em 2012 mais da metade de tudo o que foi produzido (61%) e da área plantada (55%) com o fruto dentre todos os perímetros irrigados cearenses, como indicado a seguir na tabela 8. Ressalta-se que em 2000 a participação do Curu-Paraipaba era muito maior, já que ele concentrava sozinho 82% da área plantada com coqueiros e 93% da quantidade produzida com coco. Além disso, esse perímetro foi o primeiro a cultivar coco no Ceará, no início dos anos 1990. A participação do Curu-Paraipaba no total produzido vem sendo reduzida à medida que novos perímetros passam a se especializar no cultivo do fruto, notadamente o Baixo Acaraú, onde essa produção, que só foi iniciada por volta de 2006, mais vem se expandindo nos últimos anos.

**Tabela 08 – Perímetros Irrigados do Ceará. Área plantada com coqueiros (em hectares), quantidade produzida de coco (em unidades) e proporção em relação ao total do Estado (em %). 2000 – 2012.**

		2000	%	2012	%
Araras Norte	Área plantada	232,3	9,0	236,75	5,14
	Quant. produzida	-	-	2.098.240	4,07
Baixo Acaraú	Área plantada	-	-	1.302,00	28,27
	Quant. produzida	-	-	12.718.600	24,68
Curu-Paraipaba	Área plantada	2.122,1	81,87	2.533,34	55,00
	Quant. produzida	31.373.730	92,87	31.820.570	61,74
Curu-Pentecoste	Área plantada	224,5	8,7	338,9	7,36
	Quant. produzida	2.336.300	6,92	4.637.210	9,00
CEARÁ	Área plantada	2.592,1	-	4.606,04	-
	Quant. produzida	33.782.320	-	51.538.950	-

Fonte: Dnocs/SMPPI. Elaboração: Cavalcante, 2014.

Além disso, é considerável o peso que a produção de coco exerce nesses quatro perímetros. Analisando apenas a variável área plantada (tabela 9), nota-se que o fruto já ocupa mais da metade do total cultivado no Curu-Pentecoste e em praticamente toda a área do Curu-Paraipaba. No Araras Norte, as maiores áreas plantadas são ocupadas pelos cultivos de banana e mamão, e no Baixo Acaraú a maior parte plantada já é com coco, onde observamos ainda uma produção importante também de banana e mamão. Entretanto, após entrevistar diversos produtores nesses perímetros, notamos o grande interesse em substituir os outros cultivos exclusivamente pelo coco, sobretudo devido à alta rentabilidade advinda com a comercialização do fruto, com o foco no mercado de água de coco, processo esse que já ocorreu no Curu-Paraipaba, quando trocou-se praticamente toda a produção de cana-de-açúcar pela de coco.

**Tabela 09 – Área total plantada e área total plantada com coco (em hectares), e participação do coco no total plantado (em %). 2010 – 2012.**

	2002			2012		
	Área total	Área coco	% Coco	Área total	Área coco	% Coco
Araras Norte	488,5	232,3	47,54	876	236,75	27,03
Baixo Acaraú	165,00	-	0,00	4.887,94	1302	26,64
Curu-Paraipaba	2.835,9	2122,1	74,83	3.155,37	2.533,34	80,29
Curu-Pentecoste	535,7	224,5	41,91	660,7	338,9	51,29

Fonte: Dnocs/SMPPI. Elaboração: Cavalcante, 2014.

Cada um desses quatro principais perímetros especializados no cultivo de coco no Ceará apresentam uma série de dinâmicas que lhes é própria, com importantes particularidades inerentes à configuração histórico-geográfica de cada um deles, associada às formas de gestão e à organização do espaço ocupado por esses perímetros. Por esse motivo, os processos relacionados à produção do fruto em tais perímetros também apresentam características relativamente particulares, além de muitas outras que seguem o mesmo padrão observado em todos os novos espaços destinados ao cultivo de coco no Brasil.

### **O coco no perímetro irrigado Curu-Paraipaba**

Não iremos nos ater aqui em apresentar as especificidades inerentes a cada um desses perímetros, entretanto cabe indicar algumas características especialmente acerca do Curu-Paraipaba, já que esse perímetro é o maior e mais importante exemplo concreto da materialização do processo de reestruturação produtiva do setor do coco no Ceará. Somente com uma análise mais atenta é que poderemos perceber como o fruto fez desse perímetro uma referência quando o assunto é produção de coco, conforme acrescenta Alves (2013) e de acordo com o que apresentamos em Cavalcante (2014), apontando sobretudo para os rebatimentos socioespaciais desse processo.

Como já indicamos, o perímetro irrigado Curu-Paraipaba só passou a ser um grande espaço de produção de coco a partir da década de 1990, quando houve uma difusão do cultivo do fruto, levando a uma reconversão produtiva e a uma posterior significativa especialização territorial produtiva. Ao longo desses mais de 20 anos, o Curu-Paraipaba se tornou um dos principais polos nacionais de produção de coco

verde e se destaca atualmente por contar com um expressivo número de lotes agrícolas plantados com coco, por ter um dos maiores plantios de coqueiro anão do Brasil, por contar com uma grande quantidade de produtores – aproximadamente 600, que utilizam alguns dos mais modernos insumos e implementos no cultivo de coco –, por sediar uma grande agroindústria processadora do fruto, entre outros fatores.

Há de se deixar claro que a entrada do coco no Curu-Paraipaba modificou por completo as relações que lá se davam e vem impondo o desenrolar de muitas outras. Para Vasconcelos (2011, p. 202), “[...] depois que a cana cedeu lugar ao coco, as relações sociais no perímetro tiveram mudanças substantivas”, dando origem a um sistema produtivo completamente diferente, alterando ainda a forma e o conteúdo daquele espaço, já que, de acordo com Santos (1996), toda e qualquer modificação na estrutura produtiva provoca alterações imediatas no uso e na organização espacial, bem como nas relações sociais de produção.

Atualmente, depois de passadas mais de duas décadas de difusão da produção do fruto, o Curu-Paraipaba está passando por um terceiro momento do cultivo de coco, marcado sobretudo pela especialização do território, da produção e do trabalho<sup>18</sup>. O que conseguimos observar nesse perímetro é que a especialização no cultivo de coco chegou a um nível no qual a sua produção já está completamente enraizada, ou territorializada, influenciando a organização tanto do espaço quanto das relações sociais. É indiscutível que esse perímetro se tornou ao longo desses anos um “território do coco”, onde é a produção desse fruto quem dita atualmente o que acontece por todo o município de Paraipaba, onde está localizado, conforme notamos durante os trabalhos de campo.

Além disso, estamos diante de uma especialização da produção, que pode ser comprovada pelo fato de a imensa maioria dos irrigantes cultivar coco e já conhecer as técnicas de manejo e os equipamentos de irrigação e insumos mais indicados, conhecimento esse que vem sendo transmitido de pai para filho. A expressiva especialização produtiva pode ser observada também devido ao atual

---

<sup>18</sup> Em um primeiro momento o que vimos no Curu-Paraipaba foi uma substituição gradual da produção de coco em detrimento da redução dos outros cultivos, notadamente da cana-de-açúcar, que lentamente davam lugar ao coco e passavam a assumir um lugar marginal. Já um segundo momento pôde ser vislumbrado a partir de uma reconversão produtiva quase que completa para o coco, onde absolutamente todos os irrigantes passaram a produzir o fruto, estruturando um próprio e consolidado circuito espacial da produção.



estado de saturação do solo e a uma disseminação e resistência maior das pragas, processos típicos advindos quando se investe em demasia em uma monocultura, que contribui enormemente para o esgotamento dos recursos naturais disponíveis.

Além dessa especialização territorial e produtiva, também é visível uma especialização do trabalho, onde já observamos claramente a existência de um “mercado de trabalho do coco”, representado pelos mais diversos tipos de profissionais, sobretudo por aqueles responsáveis pela limpeza e manutenção do coqueiral, pelo aplicador dos agrotóxicos, pelos responsáveis da colheita e do carregamento dos frutos, e por aqueles que fazem o papel de administradores e técnicos agrícolas. A existência de todas essas novas funções e o recrutamento dos trabalhadores acaba contribuindo sobremaneira para acirrar a divisão técnica e social do trabalho naquele perímetro.

Ainda no Curu-Paraipaba conseguimos perceber a materialização de uma série de dinâmicas, também perceptíveis nos outros perímetros, que atestam quão nefasto vem sendo a territorialização da produção de coco e os inúmeros rebatimentos a ela relacionados. A exemplo da mudança do perfil produtivo desse perímetro, que vem deixando de ter um caráter essencialmente familiar para assumir uma lógica mais empresarial, o que influencia diretamente na forma como se organizam os pequenos produtores, levando inclusive a um acirramento da heterogeneidade entre esses eles.

Salientamos também o aumento da interdependência entre todos os agentes inseridos no circuito espacial produtivo do coco do Curu-Paraipaba, com a ampliação da dependência dos pequenos produtores face aos capitais comerciais e industriais, responsáveis por monopolizar a produção e os preços do fruto, e representados especialmente pelos atravessadores e por diversas empresas, sobretudo para a Paraipaba Agroindustrial (Paragro), maior exportadora de água de coco do país e instalada dentro do perímetro. Somente esses exemplos citados demonstram o peso que tem o cultivo de coco na dinamização das relações que se dão no interior do Curu-Paraipaba, bem como nos outros perímetros cearenses.

## Considerações finais

A reestruturação produtiva pela qual vem passando o setor do coco no Brasil, além de levar a uma reorganização quase que completa das principais dinâmicas associadas ao circuito espacial produtivo desse fruto, foi responsável por difundir a sua produção por todo o país e por transformar rapidamente novos locais em espaços especializados no cultivo de coco, a exemplo dos perímetros irrigados nordestinos e, sobretudo, os cearenses. Como indicamos, é nesses espaços onde a materialização dessa reestruturação produtiva é mais visível, já que eles foram prontamente escolhidos para fomentar o desenvolvimento do cultivo de coqueiro anão visando atender o aquecido mercado de água de coco.

Ao se difundir e se territorializar nesses espaços, a produção de coco passa a ditar importantes modificações, tanto na estrutura produtiva quanto na estrutura espacial de tais perímetros irrigados, implicando em uma refuncionalização de seus usos e em uma reorganização das relações sociais aí estabelecidas. Com a chegada do coco, tudo que existia antes é chamado a se adaptar ao novo sistema produtivo e à nova racionalidade imposta por esse cultivo, gerador de conflitos das mais diversas naturezas, uma vez que passam a se confrontar as antigas relações que se davam naqueles espaços com os novos processos resultantes da difusão e territorialização do coco.

Desse modo, percebe-se que a configuração inicial desses perímetros foi profundamente alterada, em virtude do objetivo expressamente claro de se produzir coco em larga escala para atender as novas demandas impostas pelos novos padrões de consumo. Assim, a reestruturação produtiva do setor do coco, controlada especialmente por grandes e médias empresas, produtores e atacadistas, encontrou nos perímetros irrigados um local ideal para se efetivar e para ampliar os rendimentos daqueles que a comandam. E isso nos leva a refletir sobretudo acerca da maneira como o espaço é apropriado pelos agentes econômicos e como o modo de produção capitalista é capaz de reorganizá-lo a tal ponto de modificá-lo por completo, pouco importando quais seus rebatimentos.

Ressalta-se que nossa intenção com este trabalho foi apresentar apenas uma das inúmeras dinâmicas recentemente observadas no setor do coco no Brasil, e não de esgotar todas as possibilidades de apreensão da realidade em curso. Por esse

motivo, muitas questões ficam em aberto, especialmente aquelas que dizem respeito aos impactos diretos da reestruturação produtiva do setor do coco e sua conseqüente materialização nos perímetros irrigados que vem sendo observados entre os produtores do fruto, que são inúmeros, uma vez que essa reestruturação não foi pensada em prol desses produtores, e sim para fomentar a reprodução do grande capital também no cultivo do coco.

### Referências bibliográficas

ALVES, Carlos Oscar. **Perfil técnico e econômico da produção de coco no distrito de irrigação Curu-Paraipaba, Estado do Ceará.** Dissertação (Economia Rural). Universidade Federal do Ceará: Fortaleza, 2013.

BROGGIO, Céline et al. L'irrigation dans le Nordeste du Brésil. **L'information géographique**, Paris, v. 63, n. 5, p. 223-231, 1999.

CAVALCANTE, Leandro Vieira. **Os circuitos espaciais e os círculos de cooperação da produção de coco no Litoral Oeste do Ceará.** Monografia (Geografia). Universidade Estadual do Ceará: Fortaleza, 2012.

CAVALCANTE, Leandro Vieira. A reestruturação produtiva chega aos coqueirais do Brasil. **Anais do VI Simpósio Internacional de Geografia Agrária – SINGA:** João Pessoa, 2013.

CAVALCANTE, Leandro Vieira. **La restructuration de la production de noix de coco au Brésil: enjeux et défis.** Le cas des nouvelles dynamiques socio-spatiales du Périmètre Irrigué Curu-Paraipaba. Mémoire de recherche (Master en Géographie). Université Paris 1 – Panthéon Sorbonne: Paris, 2014.

CAVALCANTI, Josefa Salete et al. Transformações recentes nos espaços da fruticultura do Nordeste do Brasil. In: ELIAS, Denise; PEQUENO, Renato. (Orgs.). **Difusão do agronegócio e novas dinâmicas socioespaciais.** Fortaleza: Banco do Nordeste, p. 117-150, 2006.

CUENCA, Manuel Gutiérrez; NAZÁRIO, Cristiano Campos. **Comportamento da cocoicultura nos tabuleiros costeiros do Ceará.** Sua evolução entre 1990 e 2002. Aracaju: Embrapa Tabuleiros Costeiros, 2003.

DINIZ, Aldiva Sales. A construção dos perímetros irrigados e a criação de novas territorialidades no sertão. In: ELIAS, Denise; SAMPAIO, José Levi Furtado. (Orgs.). **Paradigmas da agricultura cearense - modernização excludente.** Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, p. 37-60, 2002.

ELIAS, Denise. **Globalização e agricultura.** São Paulo: EdUSP, 2003.

ELIAS, Denise. Reestruturação produtiva da agricultura cearense: rumo à desintegração competitiva e à fragmentação do espaço agrário. In: SILVA, José Borzacchiello da; CAVALCANTE, Tércia Correia; DANTAS, Eustógio Wanderley. (Orgs.). **Ceará: um novo olhar geográfico**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, p. 429-461, 2005.

ELIAS, Denise. Agronegócio e desigualdades socioespaciais. In: ELIAS, Denise; PEQUENO, Renato. (Orgs.). **Difusão do agronegócio e novas dinâmicas socioespaciais**. Fortaleza: Banco do Nordeste, p. 25-82, 2006.

ELIAS, Denise. O meio técnico-científico-informacional e a reorganização do espaço agrário nacional. In: MARAFON, Cláudio; RUA, João; RIBEIRO, Miguel Ângelo. (Orgs.). **Abordagens teórico-metodológicas em Geografia Agrária**. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 49-66, 2007.

FONTES, Humberto Rollemberg; WANDERLEY, Múcio. **Situação atual e perspectivas para a cultura do coqueiro no Brasil**. Aracaju: Embrapa Tabuleiros Costeiros, 2006.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1994.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. 4. ed. São Paulo: EdUSP, 2009.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SIQUEIRA, Luiz Alberto et al. **A introdução do coqueiro no Brasil**. Importância histórica e agrônômica. Aracaju: Embrapa Tabuleiros Costeiros, 2002.

VASCONCELOS, Helenira Marinho. **Dinâmicas sucessoriais de agricultores familiares: dilemas vivenciados por famílias de colonos do projeto Curu-Paraipaba, CE**. Tese (Sociologia). Universidade Federal do Ceará: Fortaleza, 2011.

**Recebido em Junho de 2015.**

**Publicado em Setembro de 2015.**